

AS IMAGENS NO GÊNERO EDITORIAL: OBSERVAÇÕES ACERCA DA DISTÂNCIA SOCIAL

Lucélio Dantas de Aquino

RESUMO: O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado *Mecanismos de construção de sentidos no gênero editorial: aspectos verbais e visuais* (AQUINO, 2010) e tem por objetivo interpretar, com base na metafunção interativa, as imagens do gênero editorial, buscando compreender com se dá a distância social entre os participantes representados na imagem e os observadores dessa composição visual. Para tanto, tomamos como base o estudo de Kress; van Leeuwen (2006), a partir do qual subsidiamos a análise das imagens contidas nos editoriais. Metodologicamente, analisamos as imagens de dois editoriais: um coletado da revista *Veja*, no ano de 2003 e o outro coletado da revista *Época*, no ano de 2009. Diante das análises realizadas, compreendemos que as imagens realizam diferentes graus de envolvimento entre os participantes e que isto incide nos sentidos do gênero, além de contribuir para uma adesão do ponto de vista apresentado no texto.

PALAVRAS-CHAVE: gênero editorial; metafunção interativa; distância social.

ABSTRACT: *This article is an outline of the dissertation Mechanisms of meaning construction in the genre editorial: verbal and visual aspects (AQUINO, 2010) and aims to interpret, based on interactive metafunction, the images of the genre editorial, seeking to understand how is the social distance between participants represented in the image and the observers of visual composition. So, we based on the study of Kress, van Leeuwen (2006), from which we subsidize the analysis of the images contained in editorials. Methodologically, we analyze the images of two editorials: one collected from *Veja* magazine, in 2003 and the other collected from the *Época* magazine, in 2009. Faced with the analyzes, we understand that the images carry different degrees of involvement among the participants, which relate to the meanings of genre, while contributing to a adherence of the point of view presented in the text.*

KEY WORDS: *genre editorial, interactive metafunction; social distance.*

1 Considerações iniciais

Neste trabalho, desenvolvemos um estudo sobre a distância social em imagens do gênero editorial. Essa proposta constitui-se como excerto da dissertação de mestrado *Mecanismos de construção de sentidos no gênero editorial: aspectos verbais e visuais* (AQUINO, 2010), na qual

estudamos o referido gênero com base na Linguística Sistêmico-Funcional e na Gramática do Design Visual, orientando-nos, respectivamente, pelos estudos de Halliday (2004) e Kress; van Leeuwen (2006).

É de conhecimento geral que estruturas verbais se organizam para comunicar a expressão interior e exterior, bem como representar o mundo dos falantes de um língua. Além disso, outro papel da linguagem é estabelecer a interação entre os usuários de uma língua nas mais variadas situações verbais. A imagem também pode ser observada sob o prisma da representação, da interação e da composição, o que equivale a dizer que, por meio da imagem, são desempenhadas funções equivalentes às funções da linguagem verbal.

Com base nisso, o estudo de Kress; van Leeuwen (2006) aborda três funções desempenhadas pela imagem: a representacional, a interativa e a composicional. Nessa ocasião, damos prioridade a metafunção interativa que a linguagem visual manifesta nas imagens e buscamos, a partir de imagens de dois editoriais, observar as relações de distância social que são mantidas entre os participantes representados (pessoas, lugares e objetos) e participantes interativos (produtor e observador) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

A título de conhecimento, os editoriais analisados são de duas revistas distintas, embora ambas sejam de publicações semanais. São elas: revista *Veja* e revista *Época*. A escolha dessas revistas foi feita em virtude de nossa experiência enquanto voluntário em pesquisas sobre a multimodalidade no gênero editorial, o que culminou em nossa pesquisa de mestrado.

Sendo assim, o estudo que ora apresentamos divide-se em cinco partes: i) considerações iniciais; ii) gêneros textuais: o editorial; iii) Gramática do Design Visual: a metafunção interativa; iv) imagens no gênero editorial: a distância social; e, por último, v) considerações finais.

2 Gêneros textuais: o editorial

Para Marcuschi (2005, p. 19), os gêneros “devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura”. Sendo assim, por se constituírem dentro de um processo

histórico, social e comunicativo, os gêneros textuais¹ assumem características que os identificam como tais. Por isso, ao se usar a expressão gênero textual estamos nos referindo a usos concretos, encontrados em nossa vida diária e que representam características sócio-comunicativas definidas por seus conteúdos, estilo e composição próprios (BAKHTIN, 2003).

Assim, os gêneros textuais não podem ser vistos como amontoados de palavras que formam frases e, conseqüentemente, sentenças textuais que se organizam para formar um texto; segundo Miller (2009, p. 45) o “gênero é um ‘artefato cultural’ [...] passível de ser interpretado como uma ação recorrente e significativa”. Dessa forma, os gêneros textuais são legitimados através do uso recorrente nas atividades sócio-comunicativas e culturais, os quais podem apresentar-se de variadas formas – orais, escritas, verbo-visuais, gestuais etc. –, dependendo das escolhas que façam os usuários do discurso, que se dão sempre em função dos interlocutores.

Algo que devemos ressaltar é o fato de que os gêneros são infindos, ao passo que cada situação interativa exige e/ou permite a utilização de determinados gêneros, uma vez que é por via destes que atuamos em todos os campos da comunicação. Com isso, é notório que cada campo comporta gêneros específicos para suprir as necessidades da interação comunicativa nele instauradas.

Dentre os gêneros que circulam na esfera jornalística, categorias como a de informar, a de explicar, a de opinar e a de entreter são estabelecidas para identificarmos o processamento dos fatos, bem como serve aos leitores como fator de norteamento ao se buscar a informação. Nesse sentido, podemos dizer “os gêneros jornalísticos são determinados pelo modo de produção dos meios de comunicação de massa e por manifestações culturais de cada sociedade” (MEDINA, 2001, p. 53).

Retomamos, aqui, a ideia de Miller (2009) ao definir o gênero como “artefato cultural” e “ação social” para ratificar o posicionamento de Medina (2001), pois os gêneros jornalísticos são produções socioculturais de linguagem que realizam papéis específicos de acordo com a função de cada gênero.

¹ Sendo o discurso manifestado no texto, entendemos a importância das concepções bakhtinianas acerca dos gêneros do discurso, porém, optamos por usar a terminologia “gêneros textuais” adotada por Marcuschi (2003; 2005; 2008) e Miller (2009), tendo em vista que em seus estudos, ambos entendem o discurso como constituinte dos gêneros textuais.

Nesse momento, cabe-nos apresentar o gênero editorial que será analisado em nosso trabalho, pois, de acordo com Melo (2003), esse é um gênero que pode ser enquadrado no campo do jornalístico opinativo.

Sumariamente, o editorial é um gênero especificamente utilizado por jornais e revistas para expor um ponto de vista sobre determinado assunto e, sendo, portanto, opinativo, ele é produzido com base na argumentação para persuadir os leitores a aderirem ao que nele foi ou está expresso. Além disso, o editorial é dinâmico, assim como todo e qualquer gênero, e por esse motivo, apresenta variações em sua funcionalidade, pois, dependendo da instituição que o veicula, ele poderá exprimir uma opinião sobre determinado fato (editorial padrão), apresentar o suporte que o conduz (editorial de apresentação) e/ou unir as duas funções anteriores, opinando sobre algo e apresentando o suporte (editorial misto) (AQUINO, 2010, p. 35).

Em síntese, como o gênero editorial faz parte de um repertório possível do interior do campo discursivo jornalístico e que é escolhido para expressar a opinião institucional de um veículo de informação, por isso, entendemos que as escolhas verbais e visuais que são feitas na composição desse gênero exprimem funções específicas, as quais contribuem para o sentido do texto.

Portanto, o editorial, assim como todo gênero textual, apresenta recursos (verbais, visuais, entre outros) que são indispensáveis à construção de sentidos. Considerando, assim, a relevância do estudo da imagem para a produção e interpretação dos gêneros textuais é que, no tópico seguinte, discorreremos sobre a análise visual proposta por Kress; van Leeuwen (2006), com destaque para a metafunção interativa que, em seguida, será analisada em imagens do gênero em questão.

3 Gramática do design visual: a metafunção interativa

A análise visual proposta por Kress; van Leeuwen (2006) está amparada em três metafunções: a *representacional*, a *interativa* e a *composicional*. Estas metafunções foram adaptadas das metafunções hallidayanas da LSF: ideacional, interpessoal e textual. Dessa forma, de acordo com esses autores, a metafunção representacional descreverá os participantes quanto à

ação que desenvolvem em uma imagem; a metafunção interativa descreverá as relações sócio-interativas construídas pela imagem; e a metafunção composicional constituirá a estrutura/organização dos elementos na imagem.

A partir da metafunção interpessoal da linguagem, Kress; van Leeuwen (2006) postularam o que seria a interação entre participantes representados (pessoas, lugares e objetos – interiores à imagem), doravante PR, e participantes interativos (produtor e observador – exteriores à imagem), doravante PI, em uma composição imagética.

Assim, em um texto imagético, produtor e observador constituem aqueles que vão dialogar com a imagem, enquanto que pessoas, lugares e coisas representarão aqueles que serão apreciados pelo leitor. Conforme Kress; van Leeuwen (2006), existem três tipos possíveis de relação entre estes participantes: 1) as relações entre os participantes interativos; 2) as relações entre os participantes representados; 3) as relações entre participantes interativos e participantes representados.

Sendo os PI exteriores à imagem, o produtor, ao elaborar uma composição imagética pode inferir, pelo contexto de situação, aqueles que observarão a composição. Já com relação aos PR, eles estão no interior da imagem e estabelecem diálogo, aproximando-se ou afastando-se por meio de técnicas que mais adiante averiguaremos. No último caso, há a presença dos dois participantes, os participantes internos e externos à imagem dialogam para que se possam constituir os sentidos possíveis de interação entre a representação e aqueles que a observam. Essas relações são constituídas por meio de papéis, quais sejam: interativos e representados.

Desse modo, ancorando-nos nessa metafunção que “estabelece estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor (um participante que é exterior à imagem), buscando estabelecer um elo, imaginário, entre ambos” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 18) é que pautaremos a nossa análise visual das foto-imagens no gênero editorial, visando a compreender de que modo as imagens ali contidas realizam interação e até que ponto o diálogo entre elas e os leitores os aproximam ou os afastam socialmente.

Sendo assim, para analisarmos essa metafunção nas imagens dos editoriais, Kress; van Leeuwen (2006) propõem as seguintes categorias: *contato* (conexão ou desconexão entre os PR e PI); *distância social* (máxima, média ou mínima entre PR e PI); *perspectiva* (ângulo em que os

PR se apresentam na imagem) e; *modalidade* (realidade ou irrealidade na apresentação dos PR). Segundo Almeida (2008, p. 7, grifos da autora) “aspectos como *contato*, *distância social*, *perspectiva (ou ponto de vista)*, e *modalidade (ou valor de realidade)* têm um papel no estabelecimento da relação entre o *leitor/observador da imagem* e a *imagem propriamente dita*”. Dentre estas categorias, damos destaque à distância social que será apreciada em dois editoriais de duas revistas de circulação nacional, a saber: a *Revista Veja* e a *Revista Época*.

3.1 A distância social

Segundo Kress; van Leeuwen (2006), a *distância social* é a segunda dimensão para se compreender os sentidos interativos. Podemos percebê-la pela escolha que se pode fazer entre o plano fechado (*close-up*), plano médio (*médium shot*) e plano aberto (*long shot*). Assim, as escolhas feitas quanto à distância social, podem sugerir relações diferentes entre os PR e PI.

De acordo com estes autores, em interações diárias, nós determinamos a distância (literal e figurativamente) das relações sociais que mantemos com o outro e a duração dessas relações está vinculada ao contexto. Assim, se mantivermos uma interação com um par, logo essa relação será mais próxima, caso de estudantes conversando entre si, por exemplo. Ao contrário, se a interação que mantemos é com o diretor da escola essa relação, por questões hierárquicas, ou por rispidez do diretor, será menos íntima. Para determinar o grau de envolvimento na relação que a imagem estabelece, devemos considerar o contexto do PR e PI.

Nesse sentido, como a imagem realiza tal distanciamento, podendo ir da relação mais íntima e mais pessoal ao mais distante envolvimento, é por meio dos cortes que se fazem nela que podemos determinar o nível de relação entre PR e PI. E para percebermos como esses planos se apresentam, vejamos o que diz Fernandes; Almeida (2008, p. 19-20):

Kress e van Leeuwen utilizam planos idênticos aos do cinema para a formatação de sua linguagem, mas três desses enquadramentos sintetizam bem essa relação: **plano fechado** (*close-up*), **plano médio** (*médium shot*) e **plano aberto** (*long shot*). O primeiro inclui a cabeça e os ombros do participante; o segundo, sua

imagem até o joelho; e o terceiro corresponde a uma representação ainda mais ampla, incluindo, por exemplo, todo o corpo do participante. (grifos dos autores)

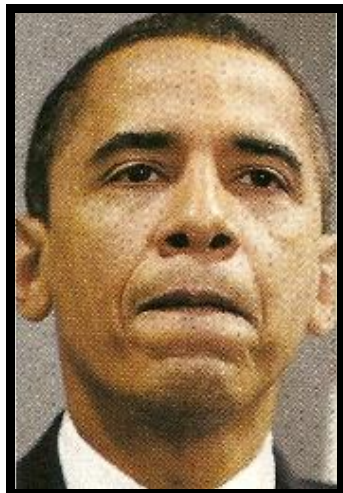


Figura 1 – Plano fechado

Fonte: Revista *Época*, 19 de janeiro de 2009, p. 8.



Figura 2 – Plano médio

Fonte: Revista *Veja*, 07 de maio de 2003, p. 7.



Figura 3 – Plano Aberto

Fonte: Revista *Época*, 06 de abril de 2009, p. 8.

Os planos apresentados são responsáveis pela determinação da intimidade entre os participantes. Dessa forma, quando os participantes são retratados em *plano fechado*, os detalhes do rosto e a expressão são capturados, possibilitando ao observador identificar traços da personalidade e, conseqüentemente, aproximar-se do PR. Quando a imagem é captada em *plano médio*, a distância social estabelecida nem é máxima nem mínima, é intermediária, configurando os PR como sendo conhecidos do observador, mas que não mantém grau de intimidade com os

PI. Já quando a imagem é retratada em *plano aberto*, é conferida a ela um caráter impessoal, distanciando ao máximo os participantes da composição, isto é, ocorre uma relação de desconhecimento ou poder do PR para com o PI.

Nesse sentido, a imagem é responsável por realizar papéis interativos e determinar graus de formalidade e de informalidade entre os participantes da composição imagética. Para percebermos, portanto, a *distância social* nas imagens dos editoriais e os sentidos que elas desvelam, observemos as análises a seguir.

4 Imagens no gênero editorial: a distância social

As análises que apresentamos a seguir foram feitas com base em dois editoriais: *O ranking de VEJA*, publicado em agosto de 2003 pela revista *Veja* e *Em defesa do jornalismo*, publicado em maio de 2009 pela revista *Época*. Nesses editoriais, observamos as imagens de acordo com o plano em que elas foram capturadas e, conseqüentemente, os efeitos de sentido provocados por estes planos. Para início, observemos a imagem extraída do editorial a seguir:



Figura 4 – Editorial de *Veja*

Fonte: *Veja*, 06 de agosto de 2003, p. 7.



Figura 4a – Plano médio

A **figura 4a**, recortada do editorial *O ranking de Veja*, mostra os profissionais da *Revista Veja* em *plano médio*. Isso se dá pelo fato de que a revista visa a fazer com que os leitores conheçam ou reconheçam estes profissionais, posto que, de acordo com a vivência do leitor com as publicações semanais, vez por outra, estes se depararem com imagens dos repórteres no interior da revista e, ao trazê-los para o editorial, o autor os apresenta de acordo com as matérias que eles realizaram para a edição, situando os leitores quanto aos PR. Nesse sentido, os PR e PI não são íntimos, mas os PR são reconhecidos ou passam a ser conhecidos pelos PI. Isso torna o nível de distanciamento social nem mínimo e nem máximo, e sim, um entremeio dos dois para construir os sentidos desejados pelo editorialista.

Desse modo, quando o enquadramento da imagem se dá em um *plano médio*, os PR e PI não são íntimos, mas os PR são conhecidos/reconhecidos pelos PI. Este plano de enquadramento torna a distância social intermediária, isto é, os PI conhecem ou reconhecem os PR pela experiência que tem como leitor da revista, ou pela apresentação que o editorialista faz dos repórteres, entretanto, os PI não têm nenhum contato mais pessoal com eles, a não ser pelo que é representado na imagem. Portanto, essa é a função do plano médio em uma imagem: realizar uma interação de nível intermediário em que os PR são conhecidos, mas não estabelecem grau nenhum de intimidade com os PI.

No editorial *Em defesa do jornalismo*, apresentado a seguir, percebemos a imagem disposta em um *plano fechado*, plano responsável por aproximar os participantes de uma imagem.



Figura 5 – Editorial de *Época*

Fonte: Revista *Época*, 18 de maio de 2009, p 8.



Figura 5a – Fotografia do editor

Os editoriais da revista *Época* contêm, frequentemente, a foto do editorialista, conforme **figura 5a**. Esse recurso utilizado nos editoriais dessa revista, em um *plano fechado*, aproxima o leitor do autor do texto. Dessa forma, o leitor passa a dar mais credibilidade às informações e opiniões tecidas no editorial, haja vista a imagem do editor ser mostrada, marcando o comprometimento deste para com o que está sendo opinado pela revista.

Ao apresentar a imagem com o *plano fechado* (da cabeça ao ombro), o participante representado é apresentado em um grau máximo de intimidade, isso acarreta uma diminuição da distância social entre os PR e os PI. No caso em análise, ocorre essa diminuição pelo enquadramento em que a imagem foi capturada e as expressões faciais que o PR desempenha na imagem. Para entendermos esta interpretação basta que observemos o olhar do PR e o sorriso que é direcionado ao observador, promovendo uma espécie de amistosidade entre ambos.

Diante dessas asserções acerca da análise visual das imagens contidas no gênero editorial, entendemos que os mecanismos observados realizam interação entre os participantes representados e os participantes interativos

5 Considerações Finais

Embora as análises apresentadas sejam apenas um recorte de um arcabouço analítico maior, podemos afirmar que é perceptível um estabelecimento de distância social, por meio das imagens. Além disso, evidenciamos que, de acordo com a intenção do autor, quer seja ela consciente ou não, sentidos são veiculados e podem estabelecer relações sociais de aproximação, como é o caso do plano fechado no editorial em que se apresenta a imagem do editorialista. No que diz respeito ao plano médio, notamos que a relação social que se estabelece por meio das imagens revela o conhecimento parcial dos PI com relação aos PR sem que haja uma intimidade entre ambos.

Ressaltamos, ainda, que a distância social demonstra o caráter pessoal ou impessoal da interação social mantida entre os participantes da imagem, isto é, enquanto a imagem no editorial de *Veja* mantém-se na tentativa de evidenciar impessoalidade e neutralidade por meio de um afastamento, percebido pela profundidade revelada no corte de captura da imagem, o oposto se dá no editorial de *Época*, uma vez que a imagem reflete um interesse profundo em dialogar com os leitores do texto, bem como fazer com que a interação entre produtor e leitor seja mantida visando, portanto, a uma adesão do que está sendo realizado no editorial.

Nesse ínterim, vale mencionar também que a leitura dessas imagens é basilar para a compreensão dos sentidos do texto editorial e acreditamos, assim como Dionísio (2005), que é pela junção de imagem e texto que conseguimos dar conta dos possíveis sentidos materializados no gênero editorial.

Portanto, considerando a multissemiótica contida nos textos que circulam atualmente na esfera jornalística e, sabendo que, em sala de aula, o trabalho do professor no processo de ensino-aprendizagem se faz por meio de textos, nossa intenção é que as considerações que foram feitas ao longo desse artigo sirvam aos profissionais da área de Letras – estudantes, professores e pesquisadores –, bem como àqueles que se interessam pelo estudo de imagens.

6 Referências

ALMEIDA, D. B. L. Do texto às imagens: novas fronteiras do letramento a partir de uma perspectiva sócio-semiótica visual. In: **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2008.

AQUINO, L. D. de. **Mecanismos de construção de sentidos no gênero editorial**: aspectos verbais e visuais. Pau dos Ferros: UERN, 2010. (Dissertação de Mestrado), inédita.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, Paraná - PR: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. de. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. In: ALMEIDA, D. B. L. de. (org.). **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 11-31.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 3 edition. Rev. por MATHIESSEN, M. I. M. London: Arnold, 2004.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading Images**: the Grammar of Visual Design. London and New York: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **DLCV**: língua, linguística e literatura. João Pessoa: Ideia, 2003, p. 9-40.

_____. Gêneros textuais: configurações, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, Paraná - PR: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial 2008.

MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, J. I. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In: **Revista Symposium**, Ano 5, nº 1, janeiro-junho 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 02 de jan. de 2008.

MILLER, C. R. **Estudos sobre**: gênero textual, agência e tecnologia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

6.1 Referencias bibliográficas dos editoriais analisados

Caminhada histórica. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1801, Ano 36, n. 18, 7 de maio de 2003.

Em defesa do jornalismo. **Época**. São Paulo: Editora Globo, n. 574, 18 de maio de 2009.

O duro teste da realidade. **Época**. São Paulo: Editora Globo, n. 557, 19 de janeiro de 2009.

O ranking de VEJA. **Veja**, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1814, Ano 36, n. 31, 6 de agosto de 2003.

Quem mesmo vai pagar a conta?. **Época**. São Paulo: Editora Globo, n. 568, 6 de abril de 2009.